

Viviane de Santana Paulo

A migração como expansão da realidade e renovação das culturas

“Alles ist innig”¹

“je m’ouvrais pour la première fois à la tendre indifférence du monde.”²

Vilém Flusser difere dos outros filósofos imortais devido ao seu ecletismo e à abordagem antiacadêmica empregada em seus textos. Atualmente, a seleção, classificação e a expansão das idéias flusserianas, unindo-as a outras teses pertinentes ao assunto, são os caminhos percorridos para cingir a essência de seu pensamento. Por conseqüência, as bases dos estudos de suas teorias fundamentaram-se, sobretudo, em torno de três vertentes: a colisão das novas tecnologias de comunicação na existência humana; as análises sobre a iconografia e a relação da língua na apreensão da realidade (Flusser considerava a língua o primórdio de toda reflexão filosófica, fato que buscou constatar em sua obra-prima *Língua e Realidade*, 1963); e o fenômeno da migração, investigado através da filosofia.

Objeto de enfoque neste ensaio será a filosofia da migração apresentada na obra *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*.³ A existência humana como uma experiência sedentária e dependente do habitual levou-o a refletir especialmente sobre a vivência do migrante destituído da pátria, por razões políticas ou não, obrigado a viver em uma determinada realidade discordante da sua e, além disso, a estender-se em observações sobre outras formas de vivência no estrangeiro, como o turismo, o trabalhador hóspede (*Gastarbeiter*), a morada em trailers, o acampamento e, por fim, sobre o nacionalismo.

A preocupação de Flusser em desenvolver uma tese que expressasse a complexidade implícita no fenômeno da migração fez dele um dos primeiros filósofos a ocupar-se com essa realidade sob o ângulo ontológico, além dos ângulos sociológico, sociopolítico, socioeconômico, político-econômico ou psicológico. A meu ver, até agora, os estudiosos que se ocupam com o tema raramente se encontram isentos dos fortes preconceitos oriundos das diferentes sociedades e modalidades políticas. No entanto, devemos reconhecer que é muito difícil tratar do tema sem considerar os aspectos histórico-políticos, como as conseqüências das grandes guerras que levaram a Humanidade a sofrer os maiores e mais dramáticos fluxos migratórios.

¹ Hölderlin, *Sämtliche Gedichte*, Frankfurt am Main und Leipzig, Insel Verlag, 1999.

² Albert Camus, *L'étranger*, Stuttgart, Reclam, 1994.

³ Vilém Flusser: *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlin,

Iniciemos partindo do princípio de que o homem é um ser sedentário (a maioria dos grupos étnicos é ainda constituída dos povos sedentários), porém nunca deixou de explorar novas regiões em busca ora da caça, o que poderia ser traduzido nos termos atuais por fortuna, dando origem às expedições com fins econômicos e políticos, ora por curiosidade, o que poderia ser traduzido por ciência, resultando nas expedições científicas. O homem então não é um ser permanentemente sedentário e isolado em um território. Faz parte da natureza humana explorar novas regiões geográficas e formas de vida, em razão de suas necessidades básicas e em busca do avanço de sua própria etnia. Ademais, os tempos modernos, sob os efeitos da globalização, estão cada vez mais impelindo o indivíduo a romper com os vínculos elementares, como os familiares ou territoriais, e a lançar-se em uma existência nômade (hoje em dia, muitos empregos exigem a mobilidade do empregado; as viagens e longas estadias no exterior tornaram-se algo corriqueiro): "Während der weitaus größten Zeitspanne seines Daseins ist der Mensch ein zwar wohnendes, aber nicht ein beheimatetes Wesen gewesen. Jetzt, da sich die Anzeichen häufen, daß wir dabei sind, die zehntausend Jahre des seßhaften Neolithikums hinter uns zu lassen, ist die Überlegung, wie relative kurz die seßhafte Zeitspanne war, belehrend. Die sogenannten Werte, die wir dabei sind, mit der Seßhaftigkeit aufzugeben, also etwa den Besitz, die Zweitrangigkeit der Frau, die Arbeitsteilung und die Heimat, erweisen sich dann nämlich nicht als ewige Werte".⁴ A mobilidade trazida pelos tempos modernos prova que os valores derivados do habitual não são permanentes. O homem moderno está prestes a abandonar muitos de seus vínculos tradicionais, como os relacionados com o trabalho, o casamento e a moradia. A globalização está cada vez mais exigindo do homem a desistência desses hábitos, criando as condições que propiciam o desenvolvimento de uma vida nômade.

Consideremos que o impacto de uma cultura na outra, não raro, é acompanhado principalmente da violência e da submissão de uma raça pela outra, como em toda colonização. Enquanto a colonização impôs um outro sistema de vida a um povo, obrigando-o a adotar em sua própria terra costumes e crenças que lhe eram estranhos e a banir os seus próprios, a migração leva um indivíduo a abandonar sua morada, seus vínculos e adotar outros estranhos, em uma terra desconhecida. Tanto a colonização como a migração são experiências marcantes para o ser humano. E em ambas estão implícitos o quanto os diferentes hábitos e crenças são essenciais e, ao mesmo tempo, questionáveis ao Dasein: "sie erweisen sich dann nämlich nicht als ewiger Werte". Concluímos que o habitual é variável, sujeito à evolução do tempo, aos efeitos tecnológicos de cada cultura, à interferência de uma cultura na outra; portanto, não se trata de um valor permanente: "Die Heimat ist zwar kein ewiger Wert, sondern eine Funktion einer

Bollmann, 1994.

⁴ Vilém Flusser: *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlin,

spezifischen Technik".⁵, e sim, diz respeito ao funcionamento de uma específica e misteriosa técnica entre o ser humano e o espaço geográfico. A pátria é uma casualidade, um incidente, e esse mistério que a envolve, de que fala Flusser, advém do fato de ninguém poder determinar o lugar em que quer nascer. O homem não possui nenhum poder sobre isso, mas ao nascer ele é arremessado a uma realidade concebida por diversos hábitos preestabelecidos e variáveis, endógenos, que ele não escolheu - mas pode alterá-los, influenciá-los, a partir do momento que possui consciência deles. O homem está condicionado à pátria.

O que significa o espaço geográfico para a existência empírica do ser humano? O que é pátria? O homem está unido à pátria por um profundo vínculo, ela representa o berço — lugar em que as primeiras impressões da realidade, da vida e do mundo são criadas, espaço geográfico onde o Dasein se forma. O homem, além de espírito, é matéria e necessita da ligação territorial: do lugar onde é incorporado a uma soma de hábitos, normas e crenças, preestabelecidos, — cada pátria possui o seu conjunto específico, quero dizer — seu sistema político e cultural. O forte sentimento pelo espaço territorial de um dado sistema político e cultural resvala no amor incondicional. A pátria se torna o parâmetro e por seu intermédio são definidos os valores e funções dentro de um dado sistema. Mas só no exílio o nativo reconhecerá a profundidade e a dimensão de suas raízes. Para Gonçalves Dias, a pátria é a terra, a paisagem natural inigualável e só lá a vida é melhor do que em outros lugares. A primeira impressão da realidade vem a partir de uma determinada Natureza específica. O clima, a fauna e a flora fazem parte da paisagem natural, mas também a arquitetura urbana constitui as primeiras impressões do mundo. Nada se compara à pátria; para o nativo ela supera todas as nações. O homem está unido à Natureza de onde se originou e essa ligação não se baseia apenas nos fatores de sobrevivência, mas também nos elementos emocionais.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,

Bollmann, 1994. p.16

⁵ Idem, p. 17.

Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.⁶

Análogo a Gonçalves Dias, para Olavo Bilac a pátria é a terra, o espaço geográfico, a Natureza, onde o homem é o seu fruto e está integrado a ela como uma planta, se sofre quando ela sofre: "Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes". O homem tem prazer em entregar-se, em sofrer por ela e lhe ser submisso:

Pátria

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
 Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
 E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
 E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus líquens, dos teus cipós, da tua fronde,
 Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
 Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
 De ti, - rebento em luz e em cânticos me espalho!⁷

Em Olavo Bilac, o homem entrega-se ao domínio da Natureza, assim como em *Discours sur l'inégalité*, de Rousseau, a Natureza submete todo animal. No entanto, aqui o pensamento vai mais longe porque reconhece que só ao homem cabe o poder da livre escolha. Embora o francês não discursse sobre a definição da pátria nessa obra, reflete sobre os mecanismos que geram os costumes, crenças e dogmas e a dependência dos mesmos na vida humana em sociedade: "La Nature commande à tout animal, et la Bête obéit. L'homme éprouve la même impression, mais il se reconnoît libre d'acquiescer, ou de résister; et c'est surtout dans la conscience de cette liberté que se montre la spiritualité de son ame".⁸

O lugar em que encontraremos os amigos e poderemos ser o que aprendemos a ser na infância: eis outra importante interpretação de pátria. Para Manuel Bandeira, ela é o refúgio, o lugar de regresso: "aqui" os vínculos com os entes queridos são a sua essência. A vida parece ser

⁶ Gonçalves Dias, *Poesia completa e prosa escolhida*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1959.

⁷ Olavo Bilac, *Poesias*, São Paulo, Martin Claret, 2002.

⁸ Jean Jacques Rousseau, *Diskur über die Ungleichheit – Discours sur l'inégalité*, UTB für Wissenschaft, Paderborn, 1994.

mais intensa, porque “aqui” normalmente o homem deveria estar livre do racismo, preconceito, da desconfiança, e do insólito. Na pátria o homem pode escolher. Nesse sentido a pátria é todo lugar em que a família, os amigos e a possibilidade de escolha estão presentes:

Vou-me embora pra Passárgada

Vou-me embora pra Passárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Passárgada

Vou-me embora pra Passárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem ser contraparente
Da nora que nunca tive

Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego, sente a pátria não como um território político, uma paisagem específica, lugar de relação intensa com os entes queridos, ou a procedência; mas sim, a pátria é a língua materna, "lugar" em que se relaciona com a realidade e com as pessoas — o espaço do Dasein. Trata-se de um lugar abstrato; mas a língua, no entanto, não existe sem o território — a língua nasce em um território, não é o território que nasce de uma língua. Sendo assim, a língua toma o significado de um território. Para Pessoa a pátria é abstrata, tem lugar no intelecto humano, aprendizado e conhecimento do mundo revelado através da língua. “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente”.⁹

⁹ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, Lisboa, Publicações Europa-America, 1987.

Para Hölderlin a pátria não é a paisagem nem a língua nem os entes queridos, embora ele exalte a Natureza em seus versos; a pátria é a aproximação com a origem, o avizinhamo com o inicial, o ponto de partida. O início acompanhará o homem em toda o seu percurso existencial. É o que revela o poema *Die Wanderung*, interpretado por Martin Heidegger: “Das Eigenste und das Beste der Heimat ruht darin, einzig diese Nahe zum Ursprung zu sein, und nichts anderes ausserdem.”¹⁰ A pátria encarrega-se de ser a “aproximação com a origem” e nada mais, daí nasce a fidelidade à pátria: nenhum outro lugar merece essa fidelidade nem é melhor do que “a aproximação com a origem”.

“Von warmen Strahlen
 Kristallenes Eis und umgestürzt
 Vom leichtanregenden Lichte
 Der schneeige Gipfel übergießt die Erde
 Mit reinestem Wasser. Darum ist
 Dir angeborenen die Treue. Schwer verläßt
 Was nahe dem Ursprung wohnt, den Ort.
 Und deine Kinder, die Städte,
 Am weithindämmernden See,
 An Neckars Weiden, am Rheine,
 Sie alle meinen, es wäre
 Sonst nirgend besser zu wohnen.“

O significado de pátria para Vilém Flusser, a terra (*Heimat* em alemão, que quer dizer casa, morada; e *Vaterland*, que significa pai-terra, em que estão implícitos a obediência, a submissão, o poder patriarcal), não seria nada mais do que o entrelaçamento dos costumes, crenças, rituais, normas, e os vínculos familiares e de amizade — o que Flusser denomina de “fios”— que estariam impregnados na existência de um indivíduo. Na linguagem flusseriana, o habitual, desenvolvido em uma determinada expansão geográfica, acrescido dos vínculos familiares e de amizade, constituiria a pátria. E esses vínculos — fios — prendem o homem. Dessas amarras é gerada a confiança através da qual o homem cria as condições apropriadas para uma vida tranqüila, o que serve como uma espécie de sustentáculo da existência. Ao deixar a pátria o homem sofre um corte nesses fios, o sustentáculo desmorona, e ele é arremessado à liberdade. Flusser usa aqui a metáfora do parto para elucidar o processo: o cordão umbilical é cortado e o

¹⁰ Heidegger, Martin., *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*, Frankfurt a.M., Vittorio Klostermann, 1996.

migrante é lançado à vida no exterior. Estando livre dos liames que o prendem à pátria, o homem está solto para conhecer/prender-se a novas ligações em outra região geográfica: "Er ist nämlich mit vielen Fasern an seine Heimat gebunden, und die meisten dieser Fasern sind geheim, jenseits seines wachen Bewußtseins".¹¹ Tal liberdade não significa, estritamente, o sentimento de desorientação, incerteza e insegurança que surge no homem diante do desconhecido e da perda radical das coisas familiares. Não é a destruição dos vínculos que leva à liberdade, mas a capacidade de tecer novos fios naqueles já existentes e primordiais: "Freisein bedeutet nicht das Zerschneiden der Bindungen an andere, sondern das Flechten dieser Verbindungen in Zusammenarbeit mit ihnen. Der Migrant wird frei, nicht wenn er die verlorene Heimat verleugnet, sondern wenn er sie aufhebt."¹²

O Dasein em uma outra realidade impulsiona-o a uma análise de si mesmo e das coisas à sua volta, pois o homem, enclausurado no habitual e na moradia fixa, necessitando da proteção de um teto e de uma região conhecida para desenvolver os costumes que predominarão na sua realidade, ao livrar-se deles sujeita-se à reestruturação profunda de sua existência e personalidade. Por esta razão, é natural que procure reproduzir os mesmos costumes no novo território, pois está submetido ao condicionamento. Ao migrar, ele inicia a auto-análise e o exame do funcionamento das coisas à sua volta - involuntariamente, porque não pode evitar a comparação. Esse despertar de si para as coisas diferentes gera a necessidade de assimilar novos hábitos, significando evoluir os seus próprios. "Nach dem Verlassen der Heimat, ergreift das analysierte Heimatgefühl die Gedärme des Sich-selbst-Analysierenden, als ob es sie umstülpen wollte."¹³ Somente quando o homem começa a analisar seus costumes, comparando com aqueles diferentes, poderá medir a dimensão de sua inconsciência perante sua própria cultura e a dos outros.

A língua materna, um dos caracteres que distingue o migrante, além da raça, dos costumes e da arte, é um componente intrínseco, que pertence ao homem como a morada. Ela compõe o elemento indispensável para a formação da consciência nacional. "Minha língua é minha pátria", isto é, o migrante sente-se "em casa" ao poder falar a sua língua materna mesmo estando no exterior. É um vínculo pujante e profundo que colabora para determinar a "cultura"¹⁴ do homem — sua identidade política. A perda da pátria é antes de tudo a perda da

¹¹ Vilém Flusser: *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlin, Bollmann, 1994. p. 17

¹² Idem, p. 20

¹³ Idem, p.18

¹⁴ Segundo T.S. Eliot não existe cultura sem a religião, é ela a base de qualquer cultura. Eliot chama a atenção para os significados diferentes do termo cultura, que pode ser usado para designar a arte, ou civilizações primitivas, ou a capacidade científica de um grupo étnico, a ciência. Basicamente, a cultura é hoje entendida como as maneiras de se viver socialmente, envolvendo todos os aspectos da vida em grupos humanos, como linguagem, crença, lei, estética, vestuário, princípios morais e costumes.

língua. O idioma é inerente ao ser e, quanto mais diversificado e extenso, maior é a expansão de nossa realidade através de outras realidades que ele próprio cria. “A língua propaga novas realidades” e assim nos abre as portas da existência epistemológica, “suga potencialidade, para produzir realidade”¹⁵, ela é imanente ao homem: a aquisição de uma língua diferente enriquece o modo de apreensão das coisas, amplia o campo de raciocínio e o conduz a uma relação mais profunda com o próprio idioma. “Ávida, toda língua absorve elementos de qualquer outra, assimila e digere aqueles que pode, e deixa, como corpos estranhos, porém integrados, aqueles elementos que é capaz de assimilar”¹⁶.

A experiência do migrante de "desenraizar" todas as raízes que estão arraigadas em si, para criar outras ou permitir que se criem, é um processo que leva à renovação de padrões estabelecidos. O migrante ultrapassa as fronteiras de si mesmo, ampliando-as, e transpõe os limites de sua realidade, ao permitir que outra língua o transponha.

Fronteira II

Esperava-se a fronteira
 Onde e quando?
 Andávamos
 sem perguntar
 tão liso o dia
 ondulada a noite
 Evolava-se o ruído
 do capim rasteiro
 Houve um grito? Era a fronteira
 talvez
 sua cancela aberta
 Os cães recuaram e os sentidos

 Quem nos transpôs?¹⁷

Em sua tese, Vilém Flusser ainda chama a atenção para o seguinte aspecto: o migrante coloca em questão o funcionamento dos costumes da cultura em que foi inserido, e ameaça assim as regras instituídas: “Denn der Vertriebene bedroht die “Eigenart” des Ureinwohners, er stellt sie durch

¹⁵ Vilém Flusser, *Língua e Realidade*, São Paulo, Annablume Editora, 2004.

¹⁶ Vilém Flusser, *Língua e Realidade*, São Paulo, Annablume Editora, 2004.

seine Fremdheit in Frage”¹⁸, — pois o seu modo diferente de ser já é uma “afronta” para os nativos aprisionados ao habitual. Nesse sentido, o migrante é um revolucionário, porque renova os padrões estabelecidos e põe em questão os da outra cultura. Segundo Albert Camus, o homem precisa revoltar-se para tomar consciência das coisas, caso contrário, vive alienadamente; mas a revolta não pode ultrapassar os limites no qual o homem começa a ser conjuntamente com outros, a viver socialmente.¹⁹ No exterior, o migrante é então bombardeado por informações estranhas, as quais necessita processar. No início é o caos, no qual precisa rapidamente organizar os dados de informações novas para assimilá-las, isto é, misturá-los com os já existentes e assim criar outros e integrá-los na realidade no exterior. “Das Exil, wie immer es auch geartet sein möge, ist die Brütstätte für schöpferische Taten, für das Neue”.²⁰

Não raro, os migrantes sentem-se divididos, apátridas, pois perderam as raízes e não conseguiram criar outras no novo território. Sendo assim, a migração pode ser um processo rico e criativo, e por outro lado, algo também destruidor, em que não logra ao indivíduo desabrochar sua personalidade por inteiro, sua realidade permanecendo limitada a um estado de flutuação onde paira na superfície de duas ou mais culturas, sem deixar captar-se por uma nova ou absorvê-la em sua cultura de origem. Outro aspecto relevante é o fato de, com a distância e o tempo, a cultura materna tornar-se gradativamente estranha, pois o migrante não acompanha os processos de evolução e mudança de sua cultura de origem, tornando-a parcialmente desconhecida para ele. Ao regressar, vê-se a si mesmo estranhando as mudanças e alguns aspectos que antes lhe eram familiares — como um estranho em sua própria terra. Para Vilém Flusser a migração é um processo doloroso, e no que diz respeito aos asilados, refugiados, expatriados, exilados ou clandestinos, é mais aflitivo ainda porque foram expulsos. Para os que abandonam o país voluntariamente ou que possuem um contrato de trabalho temporário no exterior, o regresso ao seu país é permitido, mesmo que isso não seja possível por questões práticas; ora, o fato de possuir essa "escolha" alivia-o do lastro, da sensação de nunca mais poder retornar à região de origem. A falta de opção é um dos fatores que leva o migrante ao estado de flutuação mencionado anteriormente, e de sofrimento. "Não permita Deus que eu morra,/Sem que eu volte para lá;/Sem que desfrute os primores/Que não encontro por cá;/Sem qu'inda aviste as palmeiras,/Onde canta o Sabiá." ²¹

Sem a morada, a região conhecida e o habitual, o ser humano estaria em constante estado de alerta e incessantemente preocupado com o desconhecido. "Ohne Wohnung, ohne Schutz von

¹⁷ Dora Ferreira da Silva: *Poesia Reunida*, Rio de Janeiro, Toopbooks Editora, 1999.

¹⁸ Vilém Flusser: *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlim, Bollmann, 1994. p. 109.

¹⁹ "Um zu sein, muß der Mensch revoltieren, doch muß seine Revolte die Grenze wahren, die sie in sich selbst findet und wo die Menschen, wenn sie sich zusammenschließen, zu sein beginnen". Albert Camus, *Der Mensch in der Revolte*, Hamburg, Rowohlt Taschenbuch, 1996.

²⁰ Vilém Flusser, *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlim, Bollmann, 1994. p. 109

Gewöhnlichen und Gewohntem ist alles, was ankommt, Geräusch, nichts ist Information, und in einer Informationslosen Welt, im Chaos, kann man weder fühlen noch denken noch handeln" ²². Sob essa constante preocupação, não seria capaz de processar as informações novas, por conseqüência, viveria em um mundo "cheio de ruídos", em uma desordem. Não sendo possível orientar-se e evoluir-se, se encontraria simplesmente perdido. Ele necessita então da habitação fixa para desenvolver/viver certos costumes, uma espécie de remanso, um lugar em que possa ter a tranqüilidade para processar as informações. A morada é a base para a assimilação das coisas, entretanto, oculta a entrada para outra realidade — a do estrangeiro; e ainda colabora para que o homem crie mais costumes e possua maior dificuldade em substituí-los por outros diferentes. A habitação fixa também gera o acúmulo de posses materiais, tornando o homem cada vez mais arraigado no espaço geográfico.

Desta forma, o habitual envolve o nativo como uma venda que lhe dificulta ver o novo e o diferente, pois está completamente envolvido nos fios de sua pátria: ele não consegue penetrar na cultura alheia. Os costumes ainda servem para embelezar a pátria, na qual o diferente, conseqüentemente, é o feio, o ameaçador. Os costumes fazem da pátria, nesse contexto, uma questão de estética, pois na verdade, o que seria o feio, senão uma forma de insólito? O que determina se algo é belo ou feio não seria sua aproximação com aquilo que é habitual e o que é inusitado? O feio é o estranho porque está distante do costumeiro.

A posse é algo fundamental, através das “coisas” o homem se reconhece, elas funcionam como um espelho em que não é devolvida a mesma imagem, mas uma abstrata: a imagem do indivíduo perante o próximo e o mundo — seu reflexo dentro da sociedade. O ser humano possui coisas para aprender a conhecê-las, desenvolvê-las, dominá-las, e inseri-las em sua realidade. As principais foram as ferramentas, além dos utensílios básicos, da vestimenta, ou do material para as primeiras moradias. Hoje em dia o montante de inutilidades materiais que se tornaram “essenciais” para o ser humano aumenta rapidamente. Mas apesar de serem inúteis, dispensáveis, muitas vezes apreendidas de forma inconsciente, como se não existissem, explicam a necessidade da posse, seja material ou territorial. No caso dos nômades, eles não possuem a posse territorial; contudo, estão submetidos à condição da Natureza, precisam da posse material para sobreviver; no entanto, ela restringe-se ao essencial à sobrevivência (como ferramentas, armas, ou utensílios e animais). A pátria é também sentida como posse, como uma propriedade, e como tal é assimilada e defendida.

As teses de Flusser relativas à migração foram concebidas partindo de suas próprias experiências. O filósofo, judeu, perdeu todos os seus entes queridos na guerra, exterminados nos

²¹ Manuel Bandeira, *Estrela da vida inteira*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora. 1991.

²² Vilém Flusser, *Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus*. Berlim, Bollmann, 1994. p. 27

campos de concentração do regime nacional-socialista. Foi obrigado a fugir da antiga Tchecoslováquia (atual República Checa), indo refugiar-se na Alemanha e Inglaterra. Em 1940, chega ao Brasil, onde vive a maior parte de sua vida. Saindo do Brasil também por razões políticas (em plena época da ditadura militar), Flusser segue para a França, em 1972, indo viver na pequena cidade de Robion, antes de morrer em um acidente de automóvel, em 1991.

A perda abrupta e sob circunstâncias funestas e dolorosas dos vínculos elementares (família, amigos, moradia, idioma, e os hábitos), levou-o a uma reestruturação de sua existência: o estranho transformou-se obrigatoriamente na meta, no desafio, na premente tarefa de ser desvendado, e integrado em sua realidade nova. Na descoberta do estranho, o migrante analisa a si próprio e a partir de si revela os mistérios do desconhecido. Flusser, como um grande intelectual, que visava a união dos povos através da filosofia, da arte de pensar e do poder do conhecimento (da informação), dono de uma mente humanitária, soube desvendar esses mistérios, criar outros costumes e reproduzir os antigos amalgamando-os aos novos; selecionando assim o melhor de cada cultura para implantá-lo no seu habitual. Consideremos que a sociedade brasileira, na qual viveu a maior parte de sua vida, abriu-lhe espaço para isso. O Brasil, um país novo, é conhecido por ser muito receptivo e curioso no que se refere ao estrangeiro. Muitos estudiosos explicam essa característica através da miscigenação das raças, enquanto outros falam de uma certa ausência, até os dias de hoje, de uma identidade nacional melhor definida: daí a fascinação do brasileiro pelas coisas do exterior e um certo desprezo pelas coisas nacionais, fato que ainda perdura.

O filósofo, imigrante no Brasil, aproveitou várias oportunidades que o auxiliaram no processo de integração até a época da ditadura, cuja ideologia rígida o teria compelido a novamente deixar o país em que vivia e que adotara como seu, ao se naturalizar. Em uma sociedade em que os valores nacionais são postos acima dos filosóficos e humanitários, os obstáculos que impedem a criação de novos hábitos e/ou a reprodução dos antigos são maiores, e em alguns casos, intransponíveis. O habitual e a pátria como propriedade só seriam intrínsecos ao homem a partir do momento em que ele estivesse disposto a substituí-los por outros ou a reconhecer os diferentes hábitos, crenças e normas, enfim, a cultura, como uma variante da condição humana. Estes hábitos, crenças e normas não são inerentes ao homem, ele é quem os cria conforme suas urgências e região territorial: alguns deles são vitais para a sua sobrevivência, como os hábitos vestuários e alimentícios de certas regiões, outros são um capricho da lei de mercado, das oscilações políticas, da ganância econômica, ou intolerância religiosa. Os costumes que envolvem os diferentes dogmas de cada cultura são uma invenção a priori do homem, são componentes dinâmicos, variáveis, conforme a época e a mescla de informações provenientes de outras culturas.

O migrante seria "o outro" com relação ao nativo, isto é, "o diferente"; o nativo, por sua vez, é "o diferente" do migrante. Através da diferença nasce o processamento de informações — o diálogo entre as culturas que permite a identificação própria de cada uma. O intercâmbio de conhecimento, a transferência de experiências e dados informativos, leva à criatividade.

No caso da língua materna: somente com o conhecimento de uma língua estrangeira as singularidades e a beleza da própria língua tornam-se evidentes: “Wer seine eigene Muttersprache liebt, muss notwendigerweise alle anderen Sprachen ebenso lieben, weil erst im Vergleich zu anderen Sprachen die Schönheit aller Sprachen völlig leuchtet.”²³ Desta forma, o estranho serviria paradoxalmente como um grau de equivalência, mas tal comparação não deve restringir-se à limitação de subjugar uma coisa pela outra, e sim de desvendar certas peculiaridades que permanecem ocultas pelo manto dos hábitos. Os costumes automatizam as ações e as atitudes, e ajudam a criar o preconceito, induzindo o pensamento a apreender a realidade desconhecida, julgando que a conhece de antemão e portanto descartando todas as indícios que levam a uma conclusão oposta, diferente. O preconceito deturpa e repele a reelaboração de um raciocínio através dos novos dados de informação, ignora-os ou distorce-os de forma que possam comprovar a idéia já preestabelecida. A pátria, segundo Vilém Flusser, cega o homem (der Heimat blendet), leva-o à estagnação. A inovação e criatividade provêm do estranho, do migrante, ele é quem revela outras formas de vida, outro funcionamento dentro de uma sociedade: “o migrante é a janela pela qual os nativos vêem o mundo, e ao mesmo tempo, espelho no qual se enxergam mesmo que seja uma imagem distorcida”, “er ist zugleich Fenster, durch welches hindurch die Zurückgebliebenen die Welt erschauen können, und Spiegel, in dem sie sich, wenn auch verzerrt, selbst sehen können”²⁴. As nações são impessoais, os vínculos humanos— o amor pela família, pelos amigos, pelo ser humano — devem ser maiores do que o amor por algo abstrato, variável e impessoal como a nação. A nação deveria ser essencial ao homem apenas como ponto de partida e aproximação com a origem, como valor estético relacionado com a Natureza, como lugar de encontro e relação com os entes queridos onde há a liberdade de escolha, mas, sobretudo, como relação de equivalência e trampolim para as diversas variações do habitual. Por fim, a pátria, na definição particular de Vilém Flusser, seriam as pessoas pelas quais somos responsáveis, a família e os amigos; ele se diferencia de Manuel Bandeira porque assume a responsabilidade por elas e não se limita ao encontro e relacionamento arbitrários entre os homens. “Heimat sind für mich die Menschen, für die ich Verantwortung trage”²⁵

No verso de Hölderlin “alles ist innig”, significa que tudo está interligado, unido, mas de uma forma tal que nada perde a sua característica principal. O humanista Vilém Flusser nos faz

²³ Idem, p. 13

²⁴ Idem, p. 30

perceber, em sua filosofia da migração, que se trata de um fenômeno positivo, talvez aquele que mais colabore para a evolução das nações e expansão do Dasein.

Bibliografia:

- Bandeira, Manuel (1991): Estrela da vida inteira, Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- Bilac, Olavo (2002): Poesias, São Paulo, Editora Martin Claret.
- Camus, Albert (1994): L'étranger, Stuttgart. Reclam
- Camus, Albert (1996): Der Mensch in der Revolte, Hamburg, Rowohlt Taschenbuch.
- Castro Rocha, João Cezar de (2003): Nenhum país existe, Rio de Janeiro, Toopbooks Editora.
- Eliot. T. S. (1967): Essays-I, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag.
- Ferreira da Silva, Dora (1999): Poesia Reunida – Rio de Janeiro, Toopbooks Editora.
- Flusser, Vilém (1994): Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus.
Berlim, Bollmann.
- Flusser, Vilém (2004): Língua e Realidade. São Paulo, Annablume
- Gonçalves Dias (1959): Poesia completa e prosa escolhida, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar.
- Heidegger, Martin (1996): Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung, Frankfurt a.M., Vittorio Klostermann.
- Hölderlin, Friedrich (1999): Sämtliche Gedichte, Frankfurt a.M. Insel Verlag
- Krause, Gustavo Bernardo (2002): A dúvida de Flusser, São Paulo, Editora Globo.
- Pessoa, Fernando. (1987): Livro do Desassossego por Bernardo Soares, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Rousseau, Jean Jacques (1994): Diskurs über die Ungleichheit – Discours sur l'inégalité,
Paderborn, UTB für Wissenschaft.

²⁵ Idem, p. 26